



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FLÁVIA GOMES DE ANDRADE

**O CORDEL NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: uma
proposta com base na sequência básica de Rildo Cosson**

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024

FLÁVIA GOMES DE ANDRADE

O CORDEL NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: uma proposta com base na sequência básica de Rildo Cosson

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A554c Andrade, Flávia Gomes de .

O cordel na sala de aula do ensino fundamental II [manuscrito] : uma proposta com base na sequência básica de Rildo Cossom / Flavia Gomes de Andrade. - 2024.

50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. cordel. 2. letramento literário. 3. ensino fundamental II.
4. formação leitora. I. Título

21. ed. CDD 398.5

FLÁVIA GOMES DE ANDRADE

O CORDEL NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: uma proposta com base na sequência básica de Rildo Cosson

Aprovada em: 18 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Ana Paula Lima Carneiro

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB - CCHA/DLH

Rômulo Cesar Araújo Lima

Examinador: Prof. Me. Rômulo Cesar Araújo Lima
UEPB - CCHA/DLH

Francisco Hélio da Silva

Examinador: Prof. Dr. Francisco Hélio da Silva
SEDUC - Brejo dos Santos, PB

A Deus, por sempre estar presente na minha vida, e por me manter firme nos momentos difíceis; aos meus pais, José e Maria, que sempre me apoiaram no caminho da educação, ao meu esposo, Douglas, por me incentivar a seguir meus sonhos, e a minha avó Zélia (*in memoriam*), que infelizmente não pode estar presente neste momento tão importante da minha vida.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por proporcionar este momento tão importante na minha vida.

Aos meus pais, **Maria Virginia Gomes** e **José Gomes de Andrade**, que me educaram com muito amor e carinho.

A meu esposo, **Douglas Batista Saraiva**, que esteve comigo nesta jornada e me ajudou a chegar até aqui, a meus irmãos, **Amanda Gomes de Andrade**, **Alan Kauê Gomes de Andrade**, **Carlos Cesar Gomes de Andrade**, **João Carlos Gomes de Andrade**, **Paulo Cesar Gomes de Andrade**, **Maria de Fátima Gomes** e **Alexandra Gomes** pela força e apoio durante esta caminhada.

Agradeço a todos os meus amigos, **Rodrigo Gomes Aranha**, **Raissa Flávia Dutra Linhares**, **Natália Viana Bezerra**, **Gilberlânia Gomes dos Santos**, **Jaciara Pereira Dutra**, **Paula Felícia Saraiva Gomes** e **Maria Vitória Dantas Alves**, que tanto me motivaram a concluir esta etapa da minha vida, e a todos os meus colegas que de forma direta ou indireta se fizeram presentes até hoje.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. **Ana Paula Lima Carneiro**, por toda dedicação e amor, para realização desta pesquisa.

Aos professores do curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas e Agrárias - *Campus IV*, da UEPB, que conseguiram transmitir seus conhecimentos com dedicação.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que sempre estiveram comigo, nesta longa caminhada e me ajudaram a vencer todos os obstáculos, que enfrentei durante este percurso até chegar aqui.

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas, pessoas
mudam o mundo”*

(Paulo Freire)

O CORDEL NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: uma proposta com base na sequência básica de Rildo Cosson

RESUMO:

Esta pesquisa aborda o gênero literário cordel na sala de aula do ensino fundamental II. Com efeito, se trata de um estudo da pertinência desse gênero para o letramento literário nesta etapa de ensino. Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo geral analisar a importância do letramento literário para o trabalho com o cordel na sala de aula do ensino fundamental II. Ainda, tem-se por objetivos específicos: compreender a importância do cordel na formação de leitores críticos; analisar a importância do letramento literário nas aulas de literatura e elaborar uma sequência didática para trabalhar com o cordel na sala de aula, com base na sequência básica de Rildo Cosson. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa para a qual foram utilizados os estudos de autores como: Aguiar e Bordini (1993); Cosson (2021); Marinho e Pinheiro (2012); Soares (2010); Zilberman (2004); dentre outros teóricos. Pretende-se com esta pesquisa contribuir para a difusão de conhecimentos sobre o gênero literário cordel bem como a sua pertinência no ensino e no estímulo ao letramento literário e formação leitora no ensino fundamental II. Espera-se, ainda, que a discussão aqui apresentada informe e desperte nos leitores e estudiosos da área o interesse em desenvolver novas pesquisas que contribuam para agregar novos saberes sobre o tema.

Palavras-Chave: Cordel; Letramento literário; Ensino Fundamental II; Formação Leitora.

THE CORDEL IN THE ELEMENTARY SCHOOL II CLASSROOM: a proposal based on Rildo Cosson's basic sequence

ABSTRACT:

This research addresses the literary genre cordel in the elementary school II classroom. In effect, it is a study of the relevance of this genre for literary literacy at this stage of teaching. From this perspective, the general objective of this study is to analyze the importance of literary literacy for working with cordel in the elementary school II classroom. Furthermore, the specific objectives are: to understand the importance of cordel in the formation of critical readers; analyze the importance of literary literacy in literature classes and develop a didactic sequence to work with cordel in the classroom, based on Rildo Cosson's basic sequence. This is a bibliographical research of a qualitative nature for which studies by authors such as: Aguiar and Bordini (1993) were used; Cosson (2021); Marinho and Pinheiro (2012); Soares (2010); Zilberman (2004); among other theorists. This research is intended to contribute to the dissemination of knowledge about the literary genre cordel as well as its relevance in teaching and encouraging literary literacy and reading training in elementary school II. It is also hoped that the discussion presented here informs and awakens interest in readers and scholars in the area in developing new research that contributes to adding new knowledge on the topic.

Key-words: Cordel. Literary literacy. Elementary Education II. Reading Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 UM OLHAR SOBRE A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA.....	13
2.1 Literatura de cordel: Aspectos históricos e sociais.....	13
2.2 Por que o cordel na sala de aula no ensino fundamental?.....	18
3 O LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA.....	23
3.1 O cordel no processo de letramento literário: uma proposta de leitura de Patativa do Assaré.....	30
3.1.1 Motivação.....	35
3.1.2 Introdução.....	36
3.1.3 Leitura.....	38
3.1.4 Interpretação.....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades letradas, a leitura e a escrita são competências primordiais para a atuação no mercado de trabalho e, sobretudo, para que os sujeitos exerçam a sua cidadania com consciência e autonomia. Nesta perspectiva, ser alfabetizado, logo, saber ler e escrever, não é o suficiente, tendo em vista que é preciso ter o domínio da leitura e escrita nas mais variadas situações comunicativas através, inclusive, do ato da interpretação. Por conseguinte, é preciso que a alfabetização caminhe junto com o letramento, o qual capacita os sujeitos a atuarem de forma crítica na sociedade e expandirem suas habilidades linguísticas.

Desta forma, entende-se que o letramento diz respeito a uma capacidade de apropriação da escrita e das práticas sociais, logo, o letramento envolve leitura e escrita numa relação mais profícua através da qual os sujeitos se posicionam criticamente no mundo. Sob esta ótica, entende-se que o letramento está intrinsecamente relacionado a uma construção mais sólida de conhecimentos tendo em vista que não se limita ao processo de alfabetização, mas junto a este processo amplia as possibilidades de leitura do mundo.

Com efeito, deve-se ressaltar que existem diversos tipos de letramento, todavia nesta pesquisa tem-se como foco o letramento literário cujo mesmo se dá pela compreensão do texto literário a partir de uma leitura mais atenta às suas particularidades. Considerando-se, pois, a sua importância, vê-se a necessidade de explorar o letramento literário em sala de aula, especialmente para aprimorar as vivências destes textos, estimular a leitura, a criatividade e criticidade do alunado, aspectos que contribuem diretamente para a formação leitora. Assim, compreende-se que o letramento literário na escola deve ter a função de formar leitores críticos que sejam capazes de opinar e se colocar em ação, mas também que saibam compreender o texto que está sendo trabalhado.

A literatura de cordel é um gênero muito conhecido, ela tem suas características próprias, tendo a intenção de informar e divertir os leitores que fazem uso dele. Esses textos são carregados de inúmeras emoções e sentimentos em seus versos, gerando uma maior aproximação dos leitores. Apesar de ser uma literatura conhecida por muitos, a poesia é pouco explorada no contexto escolar. Muitos acreditam que a poesia é difícil de ser trabalhada, o que gera uma certa resistência em levá-la para a sala de

aula. Diante disso, o cordel pode ser considerado um dos gêneros literários através dos quais é possível promover o letramento literário em sala de aula, fazendo com que os alunos tenham contato com a literatura.

Desta forma, Pinheiro (2007) afirma que o folheto de cordel faz parte da literatura e não apenas como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Conforme ressalta o autor, o folheto é para ser lido, ele pede voz. Por conseguinte, o pesquisador reitera a importância do trabalho com o cordel. Na sua perspectiva, estes textos precisam ser lidos motivando os alunos a interpretar a leitura de uma maneira diferente da leitura tradicional, que foi e ainda é ensinada nas escolas. Assim, ao dinamizar e diversificar as formas de experienciar o cordel na sala de aula, se possibilita aos a oportunidade de se tornarem leitores e interpretar o texto literário.

A questão central desta pesquisa é como trabalhar com o cordel na sala de aula, com base no letramento literário? Dessa forma apresentamos como objetivo geral: analisar a importância do letramento literário para o trabalho com o cordel na sala de aula do ensino fundamental II. Como objetivos específicos: compreender a importância do cordel na formação de leitores críticos; analisar a importância do letramento literário nas aulas de literatura; elaborar uma sequência didática para trabalhar com o cordel na sala de aula, com base na sequência básica de Rildo Cosson.

A presente pesquisa justifica-se por acreditarmos que o letramento literário para se trabalhar com o cordel em sala de aula, é de fundamental importância para a formação de leitores, ou seja, trata-se de uma ferramenta que rompe com as barreiras tradicionais tornando assim o ensino mais prazeroso. Assim, este estudo servirá de inspiração para futuras pesquisas.

Nesta pesquisa, iremos elaborar uma sequência básica com os cordéis de Patativa do Assaré, que são “Dois quadros” (2011), “Vaca estrela e boi fubá” (2011). A apreciação do cordel por meio da sequência será uma forma de levá-lo até a sala de aula propondo uma maior interação dos discentes, como também o estímulo ao letramento literário por meio do referido gênero. O cordel precisa ser explorado em sala de aula, pois apresenta diversas possibilidades de leitura, propiciando aos alunos uma formação leitora bem como o aprimoramento das suas habilidades de interpretação dos textos literários.

O presente estudo resulta de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com base nos seguintes teóricos: Aguiar (1993), que aborda sobre a literatura e a formação dos leitores; Bamberger (1995) o qual discute como incentivar o hábito de leitura; Cosson (2021), que trata da importância do letramento literário, como também a prática; Freire (2012), que discorre sobre a importância do ato de ler; Lajolo (1993), que aborda a leitura; Magnani (1989), que discorre sobre a importância da leitura e literatura na escola, Luyten (2007), que discute sobre o que é literatura de cordel; Candido (2006), sobre a literatura e sociedade, Soares (2010), cujas pesquisas versam sobre letramento e suas especificidades, Zilberman e Silva (2004), leitura: perspectivas indisciplinadas, Silva (2016), que aborda o ensino de literatura hoje: da crise do conceito a noção de escrita. Ainda, para a construção da sequência didática, foram utilizados os cordéis de Patativa do Assaré (2011), presente no livro *Canta lá que eu canto de cá*.

A pesquisa encontra-se estruturada em dois capítulos, o primeiro, “Um olhar sobre a literatura de cordel na escola”, no qual iremos compreender como a literatura se faz presente na escola, em seguida, iremos falar a respeito da literatura de cordel: aspectos históricos e sociais. Logo depois, abordaremos acerca do espaço do cordel na sala de aula no ensino fundamental, discutiremos sobre a importância do cordel no contexto escolar, trabalhar novas formas de ensino para implementar o cordel nas atividades escolares. No capítulo dois, “O letramento literário na sala de aula”, discutiremos acerca da importância do ensino do letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa, em seguida, vamos discutir o cordel no processo de letramento: uma proposta de leitura de Patativa do Assaré.

Subsequentemente, apresentaremos através dos cordéis “Vaca estrela e boi fubá” e “Dois quadros”. de Patativa (2011): uma proposta de leitura para ser usada em sala de aula, embasada nos cordéis para desenvolver o letramento literário, trabalhando com as quatro etapas da sequência básica de Rildo Cosson: motivação; introdução; leitura e interpretação. Para concluir relataremos as contribuições para o trabalho com o letramento, em especial o cordel, visto que é de grande importância para a formação de leitores, posto que os alunos têm a oportunidade de aprender novas culturas e também as tradições das diferentes regiões do Brasil.

2 UM OLHAR SOBRE A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA

2.1 Literatura de cordel: Aspectos históricos e sociais

Nesta seção serão apresentados alguns dados importantes acerca da história da literatura de cordel, gênero literário muito significativo para a cultura nordestina e que tem ganhado espaço nas escolas e pesquisas no meio acadêmico como um todo. Com efeito, de acordo com Haurélio (2010), o Cordel surgiu no final do século XIX, fruto da confluência para a cidade do Recife, de quatro poetas nascidos na Paraíba: Silvino Piruá de Lima, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde formaram a chamada *Geração Princesa* do Cordel. A reunião desses quatro cumpriu aquilo que Luís de Camões predisse no seu clássico epopeico *Os lusíadas* (1572) quando o engenho e arte se encontram, boa coisa há de sair. Sabe-se, pois, que:

[...] A Literatura de Cordel no Brasil, contrariando previsões pessimistas, continua viva. A resistência desse ramo da literatura popular tem motivado inúmeras discussões no meio acadêmico, no qual os estudos sobre o Cordel são cada vez mais frequentes. Há, pelo menos, seis editoras tradicionais no Brasil imprimindo e comercializando folhetos populares (Haurélio, 2010, p. 11).

O autor reforça não apenas a resistência desse gênero literário, mas também a sua influência nas discussões no meio acadêmico, fato que representa um avanço na maior leitura e divulgação dessa literatura. Com efeito, conforme exposto acima, a literatura de Cordel dialoga muito com a cultura nordestina, explorando elementos desta região brasileira e, inclusive, temas universais como amor, morte, pobreza, dentre outros. Com efeito, a literatura de cordel está no cerne da literatura popular.

Conforme indica Luyten (2007) a literatura popular surge no Ocidente em duas etapas. A primeira é a partir do século XII como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico. Ela é caracterizada, sobretudo, por uma linguagem regional e não produzida em latim, que naquele período era o idioma oficial de toda a Europa cristã. Aos poucos, tanto as pessoas do povo como os nobres iam contando suas histórias e compondo seus versos de forma primitiva, diferentemente das comunicações em latim, que abordavam quase sempre os assuntos eruditos e religiosos. Luyten (2007) reforça, ainda, que naquele contexto histórico as pessoas não

podiam sair de seus feudos, seus espaços de origem, exceto em duas ocasiões: em período de guerra ou em peregrinação.

Pode-se inferir que as raízes da literatura popular estão atreladas a um movimento de inclusão e ressignificação dos textos literários na medida em que concede visibilidade não apenas aos textos da nobreza, mas também às demais classes sociais da Europa cristã. Logo, trazendo essa característica para a contemporaneidade, vê-se que a literatura popular viabiliza a apreciação e espaço dos textos que antes poderiam ser considerados sem valor literário e, inclusive, dos autores e suas ideias, ganhando assim espaço, maior valorização e divulgação de sua arte. Sob esta ótica, a literatura popular desponta como um movimento de inclusão e expansão da arte literária, especialmente dos autores e gêneros menos valorizados pelo âmbito acadêmico. Isto posto, ainda no tocante às origens da literatura de cordel, é válido frisar que:

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 18-19).

Notadamente, o caráter popular da literatura de Cordel também está atrelado aos meios de divulgação, conforme apontado acima. Desta forma, é comum que se vejam os folhetins de cordel sendo difundidos em feiras populares, especialmente no Nordeste, em varais, com grande diversidade temática. Em se tratando dos temas abordados neste gênero literário, compreende-se que: “[...] a literatura de Cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessam ao povo. E, quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas sob o ponto de vista popular” (Luyten, 2007, p. 50). A autora reforça seu argumento ao lembrar que muitos assuntos e personagens de destaque nos cordéis fazem parte do repertório cultural e das experiências de vida populares. Logo, personagens atrelados ao imaginário e, inclusive, à história do povo nordestino, comumente são representados a exemplo de líderes religiosos como Padre Cícero Romão Batista, popularmente conhecido como “Padim Ciço”, heróis populares nordestinos como os cangaceiros, especialmente Lampião e, inclusive, o diabo, figura que personifica o mal no cristianismo.

Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que os cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam à classe média da população: advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros. Algumas vezes, os cordéis eram comprados por uma pessoa letrada e lidos para um público não letrado, situação que se reproduz no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente.

Ainda de acordo com Luyten (2007), em meados dos anos 1980, ocorreu no Brasil uma das maiores inflações do mundo, causando o empobrecimento da população que sequer dispunha de recursos para subsidiar suas necessidades básicas, menos ainda adquirir folhetos que, por mais baratos que fossem, pesaram no orçamento naquele período de crise.

Nota-se que o Cordel também está muito enraizado na oralidade. Esse traço é muito relevante, posto que é através do contributo das pessoas letradas que o Cordel pode ser acessado por aqueles que não desenvolveram a capacidade de leitura, sendo a oralidade um instrumento de propagação deste gênero literário. Marinho e Pinheiro (2012) enfatizam que no Brasil, durante muito tempo, poetas e editores continuaram escrevendo folhetos e assim os chamando, porém o uso do termo cordel se expandiu e atualmente os próprios poetas se denominam como cordelistas.

Os autores supracitados sublinham que as características dos folhetos foram estabelecidas no período que vai desde o final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Assim, Leandro Gomes de Barros inicia a publicação de seus livros em 1893 e é seguido por Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Assim, este gênero gradualmente foi se popularizando de modo que, conforme observa Haurélio (2010) passou a integrar o dia a dia nas feiras livres espalhadas pelo Nordeste, a exemplo da tradicional feira de Caruaru, em Pernambuco, na Banca dos Trovadores, em frente ao Mercado Modelo de Salvador, na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, ou mesmo no alto do morro sagrado do Bom Jesus da Lapa, na Bahia, onde pontifica o folheteiro Antônio Rufino, filho adotivo de Minelvino Francisco Silva.

Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que os folhetos, que no início eram produzidos em tipografias de jornal, passaram, com o tempo a ser impressos em tipografias dos próprios poetas. Em razão disso, Leandro Gomes de Barros criava, publicava e vendia seus versos, garantindo com essa atividade o seu sustento e da

família. Francisco das Chagas Batista era conhecido por suas viagens pelas cidades do interior da Paraíba e de outros estados do nordeste, onde comercializava folhetos e miudezas e, também por sua “Livraria Popular Editora”, criada em 1913 e que foi responsável pela edição e venda de folhetos de muitos poetas da região. Marinho e Pinheiro (2012) ainda destacam que na Paraíba e em Pernambuco, até os anos 1930, chegaram a funcionar 20 tipografias.

No período acima citado também são estabelecidas as normas de composição e comercialização das obras constituindo-se, inclusive, um público para elas. Quanto à venda dos folhetos, sabe-se que estas eram feitas nas ruas ou por meio do correio e que, a partir de 1920, os livrinhos começam a ser encontrados nos mercados públicos. A princípio, o próprio autor se encarregava da venda, mas posteriormente, passaram a existir agentes revendedores.

Novamente, a partir das informações descritas acima, nota-se o empenho dos próprios cordelistas em difundir a sua literatura. Além disso, a escolha de mercados para a comercialização dos folhetos também se mostra como uma estratégia oportuna de divulgação dos versos, especialmente para as grandes massas populares. Nesta perspectiva, ao longo dos anos, a Literatura de Cordel:

[...] Sofreu uma mudança, não na sua estrutura, mas na sua essência. Antigamente, era portadora de anseios de paz, de tradição, e veículo único de lazer e informação. Hoje, é portadora, entre outras coisas, de reivindicações de cunho social e político. Não somente para os nordestinos e descendentes, mas para todos os habitantes do Brasil. Por isso ela continua importante, pois os poetas populares, por meio dela, mostram a verdadeira situação do homem do povo (Luyten, 2007, p. 70).

A literatura como veículo também das ideologias dos sujeitos que a produzem, também pode ser ressignificada e assumir um caráter de denúncia dos dilemas e das disparidades sociais de um dado contexto histórico. Diante disso, a Literatura de Cordel também passou, no decorrer das décadas, a abordar outros temas e dar ênfase a outros assuntos que não necessariamente dialogam apenas com a cultura do Nordeste. Tal característica reforça a riqueza do Cordel enquanto um gênero que está se expandindo, inclusive geograficamente, alcançando leitores das mais variadas faixas etárias e abordando temas que refletem a sociedade vigente também em sua diversidade de pensamentos e vivências.

Por conseguinte, questões em torno da política, por exemplo, também têm sido problematizadas e difundidas através dos cordéis. Esse cenário também revela um interesse e compromisso dos poetas em expandir a arte literária criticando e refletindo sobre problemas e situações que são do interesse da coletividade. Vê-se, pois, que a literatura também escancara esses interesses, ironizando, promovendo reflexões, despertando o senso crítico e político, sensibilizando e humanizando o leitor. Antonio Candido (2006) reforça este pressuposto ao dizer que a literatura se baseia em aspectos sociais, logo, ela expressa as condições de cada civilização.

Luyten (2007) conclui esse pensamento ao mencionar que foi superado o tempo em que o poeta popular se referia a princesas e cavaleiros andantes, bem como a bichos que falavam e cangaceiros arrependidos. A autora enfatiza que a participação hoje é direta. Apesar de os velhos folhetos de cordel ainda serem reeditados, lidos e comentados, os poetas populares, habitando em grandes metrópoles, sentem como ninguém os grandes problemas que atingem a todos e, assim, a sua voz se faz ouvir. Assim, percebe-se também que: “A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (Candido, 2006, p. 40). Na perspectiva apontada por Candido (2006), entende-se que a sensibilidade e ideologia do autor também são atributos importantes na construção de suas obras literárias, tendo em vista que o escritor enxerga e sente o mundo e o que nele acontece sob um ponto de vista, o qual também vai influenciar naquilo que é produzido, revelando aspectos históricos, sociais, culturais, econômicos de um dado contexto de produção no qual este autor está inserido.

Nesta perspectiva, tomando-se como base o pressuposto de Candido (2006), quando o cordelista da contemporaneidade se vê diante de novas condições de vida, num contexto social diferente de outrora e, inclusive, com problemas diferentes, também deste contexto o poeta irá nutrir-se para que possa dar vida aos seus versos. Tal fato também reforça a sensibilidade do autor para as questões sociais, quer sejam elas de cunho político, religioso, econômico, através da abordagem de temas antes não tão presentes nos cordéis, mas que por sua pertinência coletiva e, sobretudo, humana, vão ganhando espaço no texto literário, nas discussões, no processo de formação leitora, na construção de sujeitos pensantes e emancipados.

2.2 Por que o cordel na sala de aula no ensino fundamental?

Conforme já mencionado, o Cordel é um gênero literário atrelado à literatura popular e que, ao longo dos anos, deu visibilidade a temas de impacto na sociedade como um todo. Logo, pode-se deduzir que se trata de um gênero oportuno para a formação leitora e, sobretudo, para o letramento literário, tendo em vista sua linguagem acessível, sua diversidade temática e diálogo com a cultura e vivências humanas. Nesta perspectiva, é importante lembrar que:

No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração. Por fim, não se trata de cercear a leitura direta das obras criando uma barreira entre elas e o leitor. Ao contrário, o pressuposto básico é de que o aluno leia a obra individualmente, sem que nada poderá ser feito (Cosson, 2021, p. 26 -27).

Justamente, o ensino tradicionalista que se detém, quase sempre, às características dos movimentos literários e ao estudo resumido de obras, culmina por tornar desinteressante ao aluno a apreciação do texto literário que também é usado como pretexto para outras atividades. Assim, o discurso de Cosson (2021) reforça a necessidade de despertar no aluno o interesse e prazer em ler as obras de forma profícua, fazendo inferências, expressando suas percepções, dando vazão à sua criticidade e sensibilidade.

Com efeito, sabe-se que o Cordel é um gênero poético. Sobre a poesia na escola, Lajolo (1993) problematiza os entraves a um ensino dinâmico e efetivo deste gênero no âmbito escolar. De acordo com a pesquisadora, quando explorado em sala de aula, frequentemente o intuito das atividades sugeridas parte de elementos exteriores e secundários ao poema: não são exploradas, assim, estruturas internas, o que transforma a leitura numa atividade reprodutora e repetitiva.

Assim, o dado apontado por Lajolo (1993) indica um ensino e apreciação da poesia desvinculados da fruição estética e do prazer de ler, que são diferenciais no processo de letramento. A abordagem dos textos poéticos de forma desvinculada da sua potencialidade de expansão da criticidade e catarse pode torná-los desinteressantes, especialmente nos anos do Ensino Fundamental, nos quais os

alunos estarão em desenvolvimento da base de sua formação como leitores. Em vista disso, torna-se preponderante dizer que:

Como os contatos mais sistemáticos que as crianças têm com a poesia são mediados pela escola (e não se tem como fugir a isso), e como é frequente que os textos mesmo bons sejam seguidos de maus exercícios, é bem provável que a escola esteja, se não desensinando, ao menos prestando um desserviço à poesia. É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que, como uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício, fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento daquele texto com todos os outros conhecidos daquele leitor [...] (Lajolo, 1993, p. 51).

A autora não apenas reforça a responsabilidade da escola em promover um contato mais amplo do alunado com a poesia, mas sobretudo, de que esse contato seja prazeroso e possa, inclusive, dialogar com a leitura de textos já conhecidos pelos estudantes. Sabe-se, pois, que essa aproximação pode ser desafiadora na atualidade tendo em vista que a literatura não tem a mesma adesão entre os sujeitos na contemporaneidade, especialmente o público mais jovem, que se mostra mais influenciado e instigado pelas novas tecnologias de comunicação, estando comumente atraídos pelos recursos digitais e experiências de entretenimento que não envolvem a leitura de textos literários.

De acordo com Marcuschi (2004) ouvir e ler despontam como atividades criativas. Com efeito, sob esta perspectiva, percebe-se que frequentemente a criança, o jovem e o adulto, sempre que se encontram em situação de aprendizado formal (na escola, universidade, etc.), estão condicionados em mais de 80% do tempo à condição de ouvintes. Mediante a isto, vê-se que não há uma exploração da oralidade dos estudantes, o que pode ser sanado a partir da apreciação e inclusão dos gêneros literários orais, como o Cordel que também tem uma forte ligação com a oralidade. Essa nova forma de compreender o espaço e atuação do alunado em sala de aula, inclusive no Ensino Fundamental, motivará os estudantes a se posicionarem criticamente e, inclusive, a lerem de forma compartilhada os textos vistos em sala de aula. Em se tratando deste aspecto, infere-se que:

A literatura de cordéis para crianças e/ou com as crianças em sala de aula amplia o repertório infantil de convivência com bichos e, sobretudo, sua capacidade de brincar com os ritmos da língua e os voos da

fantasia. Muitos contos de fadas e narrativas de domínio popular foram recontados por poetas populares. Está aí mais uma ponte entre cordel e literatura infantil (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 61).

Os autores indicam, inclusive, uma das características da poesia de muitos cordelistas que é a adaptação de contos de fadas para os cordéis. Essa ressignificação e releitura dessas obras atemporais comuns e geralmente atrativas ao público infantil são uma alternativa de expandir as possibilidades do gênero Cordel e, inclusive, de dinamizar o trabalho docente em sala de aula, estimulando a leitura destes textos e favorecendo ao pequeno leitor um maior conhecimento do gênero.

Neste processo, Marinho e Pinheiro (2012) analisam que o acesso das crianças menores à poesia popular pode ocorrer por meio de sextilhas e outras estrofes isoladas. No meio popular, a circulação de estrofes mais diversas também fazia parte da formação do gosto pela poesia. Conforme explicam os autores, uma hipótese testada e que apresenta bons resultados em sala de aula é a leitura de sextilha cuja temática esteja atrelada ao mundo dos pássaros e bichos.

A fala dos pesquisadores avulta a atração que as crianças têm por textos literários, inclusive poéticos, cujos personagens sejam animais. Isso se deve ao fato também de que elementos naturais e, inclusive os animais, fazem parte do cotidiano da criança, bem como os elementos lúdicos e artísticos como a música, razão pela qual poesias e cordéis que tratam destes assuntos tendem a atrair a atenção e interesse do alunado. Acerca de tal questão, sabe-se, inclusive que:

[...] Música e literatura de cordel sempre andaram muito próximas. São inúmeros os cordéis que aceitam com facilidade a realização musical. Violeiros cantam e recitam seus poemas. Folhetos escritos para serem lidos ou recitados receberam melodia. E em qualquer das situações revelam-nos sua beleza. Nem é preciso apurar muito o ouvido para perceber que determinadas canções populares estão no ritmo de algumas formas de cantorias (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 83).

O caráter musical de muitos cordéis expande as possibilidades de trabalho em sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental, pois favorece a junção com outras artes, como música, dança e até mesmo a dramatização. Além disso, é um instrumento de exploração da oralidade, expandindo esta habilidade que é importante para o aprendizado global da criança.

Marcuschi (2004) corrobora com este pressuposto ao frisar que desde que a criança se inicia na interação linguística, ela o faz oralmente e, durante a vida inteira, esta continuará sendo a sua modalidade comunicativa linguística predominante. Todavia, as situações comunicativas a serem enfrentadas serão diversificadas, o que demandará aptidões específicas de acordo com a natureza do evento e o tipo de texto. Neste sentido, quanto mais contato a criança tiver com os gêneros literários orais, maior seu repertório e compreensão destes gêneros.

Além disso, o trabalho com o Cordel em sala de aula também é um serviço ao desenvolvimento da cidadania e posicionamento crítico do alunado. Marinho e Pinheiro (2012) reafirmam isto ao dizerem que a Literatura de Cordel, ao longo de sua história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, em sua maioria, sem um objetivo claro. Pode-se apontar no Cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes na sociedade.

Esse aspecto é muito importante pois, ao mesmo tempo em que a apreciação dos cordéis promove o enriquecimento do conhecimento da literatura, também estarão sendo discutidos temas de relevância social. Desta forma, estes temas são indispensáveis para o exercício da reflexão do mundo, dos dilemas da humanidade e da importância da emancipação de cada sujeito.

Também dentre os elementos que reforçam a pertinência do ensino de literatura através da exploração do gênero Cordel, Marinho e Pinheiro (2012) mencionam a presença do humor nestes textos. O riso está fortemente atrelado ao universo infantil e, em razão disso, as crianças costumam interessar-se por histórias que tenham teor humorístico. Sobre este aspecto, nota-se, ainda, que:

O caráter bem-humorado percorre quase toda a literatura popular. Os desafios dos cantadores e as disputas dos emboladores são formas em que o humor é mais trabalhado. Uma boa peleja costuma ter momentos fortes de humor, sobretudo quando os dois artistas passam a se “agredir”. As malandragens de João Grilo, Cancão de Fogo e Pedro Malasartes também estão carregadas de episódios engraçados. Ou seja, o humor permeia qualquer tipo de narrativa, mas há momentos em que serve de recurso para chamar a atenção dos leitores/ouvintes para determinados problemas (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 98).

Vale lembrar, que muitos cordelistas se utilizam do humor justamente como recurso para ironizar questões sociais e problematizá-las. O riso, neste sentido, não

apenas diverte, mas também lança luz sobre questões sociais de relevância. Também por isso, torna-se oportuno dar espaço para que o cordel seja lido e analisado em sua essência, permitindo ao alunado verbalizar suas percepções e sentimentos sobre as obras estudadas. Deste modo, infere-se que o trabalho com o gênero Cordel na sala de aula do Ensino Fundamental II pode e deve ser repensado de modo a expandir as possibilidades de aprendizagem dos alunos e fortalecer o letramento literário.

3 O LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

Em sociedades letradas, conforme destaca Cosson (2021), as possibilidades de exercício do corpo linguagem pelo uso das palavras são múltiplas. Há, no entanto, uma que ocupa um lugar de destaque: a escrita. Isso se deve ao fato de que praticamente todas as transações humanas da sociedade letrada passam, de uma forma ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas. É assim com as práticas culturais de origem oral, como a literatura de cordel, cujos versos são registrados em folhetos para serem vendidos em feiras.

É importante, pois, que se entenda que o letramento é um conceito abrangente. Conforme explica Soares (2010) um indivíduo pode não saber ler e escrever, ou seja, ser analfabeto, mas ser, de certa maneira, letrado. Logo, um adulto analfabeto, em razão de ter sido marginalizado social e economicamente, mas, vivendo em um meio no qual a leitura e a escrita têm forte impacto, adquire um certo nível de letramento. Isto porque, quando interessado em ouvir a leitura de jornais realizada por um alfabetizado e recebe cartas que outros lêem para ele e, quando dita cartas para que pessoas alfabetizadas escrevam, está praticando a linguagem. Ainda, se este indivíduo solicita que alguém lhe leia avisos ou indicações afixados em um determinado lugar, esse analfabeto é, de certa maneira, letrado, pois faz uso da escrita e envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Com efeito, partindo desse entendimento, é possível inferir que a escrita, no âmago das sociedades letradas, representa também um instrumento de poder e ascensão social na medida em que seu domínio propicia aos sujeitos um espaço e efetiva atuação no mercado de trabalho e, sobretudo, na sociedade da qual faz parte. Em contrapartida, a dificuldade de assimilação e uso da escrita, bem como da leitura, tende a acarretar uma desigualdade entre os falantes da língua gerando, com isso, a sua segregação e dominação pelos falantes que detêm esse domínio.

Neste sentido, Magnani (1989) corrobora o pensamento acima ao apontar que é possível aprender a ler e gostar de ler textos de qualidade literária. Além disso, a pesquisadora afirma acreditar ser possível formar o gosto por este hábito. Assim, reforça que a passagem da quantidade para a qualidade do que é lido (e vice-versa) não ocorre como em um passe de mágica, mas demanda um processo de aprendizagem.

Desta maneira, a leitura e, especialmente, o texto literário, é um importante meio de explorar o letramento dos sujeitos, não só contribuindo na sua formação leitora, mas desenvolvendo nestes também a criatividade e senso crítico do que leem. A leitura desses textos permite não apenas o aprimoramento da habilidade de interpretação, mas também oportuniza realizar diálogos com acontecimentos e temas que têm impacto na sociedade em suas mais variadas esferas de comunicação: cultural, política, econômica, religiosa, artística, dentre outras. Assim sendo:

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrito encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é o seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana (Cosson, 2021, p. 16).

De acordo com o autor, a prática da leitura – quer seja no ato da leitura, quer seja na escrita – promove a reflexão e vivência profícua da linguagem em suas múltiplas manifestações. Com isso, em se tratando do ensino da linguagem, o texto literário desponta como um importante recurso motivador ao letramento, ao desenvolvimento da capacidade comunicativa, à interação e aproximação entre leitor e obra literária e, inclusive, ao estímulo e aprimoramento da habilidade de escrita.

Neste sentido, Freire (2012) corrobora com este pensamento ao dizer que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, logo, a posterior leitura da palavra não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Com isso, a linguagem e realidade se associam dinamicamente. A compreensão textual a ser obtida por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Entende-se, pois, que a interpretação bem sucedida e aprofundada de um texto requer, também, uma bagagem de percepção do mundo e dos contextos de produção desse texto. Assim, a leitura proficiente demanda também conhecimentos prévios e compreensão do mundo para além do texto literário, com todos os acontecimentos e fatos que também influenciam na produção destes.

Cosson (2021) argumenta, ainda, que esse contributo do texto literário se deve ao fato de que na leitura e escrita desses textos encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a qual fazemos parte. A literatura nos diz o que somos e nos motiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. Isso ocorre, segundo o autor, em razão

da literatura ser uma experiência a ser realizada. Diante disso, no exercício da literatura é possível sermos outros, viver com os outros, romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda, ser quem somos.

O discurso do autor aponta justamente para o despertar da criatividade, da inventividade e imaginação que a leitura e escrita dos textos literários promovem. Autores e leitores se encontram nas páginas desses textos e é possível recriar a realidade, denunciá-la, ressignificá-la, promovendo também neste processo, a construção de conhecimentos. Neste sentido, Cosson (2021) dialoga com o discurso de Freire (2012) quando este enfatiza que a educação modela as almas e recria os corações, pois ela é a alavanca das mudanças sociais. Assim sendo, o texto literário, através das múltiplas abordagens desta sociedade, com seus princípios, ideologias e dilemas, pode também favorecer as mudanças sociais na medida em que viabiliza a formação da consciência crítica dos sujeitos que a integram.

Do ponto de vista de uma tal visão da educação, é da intimidade das consciências, movidas pela bondade dos corações, que o mundo se refaz. E, já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais. No entanto, para que a educação tenha esse caráter, Magnani (1989) sugere que é dever do educador romper com o estabelecido, motivar a busca e apontar o avanço, para além da dicotomia valorativa entre qualidade e quantidade. O discurso da autora indica, pois, uma postura crítica do professor neste processo de formação de leitores. Assim, partindo-se dessa mediação, é possível viabilizar o caminho para a formação do gosto genuíno de ler.

Assim, nota-se que esse caráter emancipatório que a apreciação do texto literário promove, também deve ser discutido na escola, especialmente quando se trata do incentivo e trabalho voltado ao letramento literário. Isto porque, a leitura do texto literário pode e deve ser estimulada desde as primeiras etapas escolares e, inclusive, com gêneros literários adequados para cada etapa. Acerca deste espaço, é válido ressaltar que:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização (Cosson, 2021, p. 17).

É preciso, pois, que a mudança tenha início inclusive por parte do professor. Isto porque, quando o profissional não possui o hábito da leitura e exploração do texto literário, é pouco provável que consiga suprir as necessidades dos alunos levando essa experiência para as suas aulas. Nesta perspectiva, um aspecto fundamental para o professor de Língua Portuguesa, sobretudo, é apreciar a literatura e dar visibilidade e espaço a ela em sala de aula. Para tanto, é preciso que conheça obras de diversos gêneros a fim de que apresente e motive os alunos a também conhecerem, lerem e aprenderem a partir desse contato. Nesta perspectiva, o letramento literário resulta de um processo que precisa ser bem direcionado, com entusiasmo e diversidade de gêneros e de obras a fim de instigar e despertar o interesse do alunado.

O letramento literário se dá a partir da troca de experiências entre o professor-mediador e o aluno. Com efeito, essa experiência é adquirida e aperfeiçoada através do contato e leitura proficiente destes textos. Assim sendo, é preciso refletir como se tem dado o ensino de literatura na escola para, assim, viabilizar estratégias que possam aprimorar esse ensino tornando-o mais dinâmico, interessante e sólido.

Em sua obra intitulada *Paradigmas do Ensino da Literatura*, Cosson (2020) ressalta que não se pode esquecer que a formação do leitor literário não é a mesma do leitor em geral ou de outros domínios, até porque formar o leitor no sentido de dar acesso ao mundo da escrita e a outros processos de significação é função geral da escola como instituição social e não apenas de um determinado saber ou competência. Assim, a formação de leitores proficientes de obras literárias demanda novos procedimentos, dentre os quais não apenas certa maturidade do aluno, mas uma abordagem mais interessante, dinâmica e diversificada de tais textos que culminem por despertar interesse e curiosidade do alunado de forma gradual, haja vista que o letramento é um processo contínuo.

Soares (2010) enfatiza que é preciso ter condições favoráveis ao letramento. No entendimento da autora, uma destas condições é que haja escolarização real e efetiva da sociedade - a necessidade do letramento só tornou-se evidente quanto o acesso à escolarização se expandiu e mais pessoas aprenderam a ler e escrever, passando a almejar um pouco mais do que apenas esse aprendizado.

Assim, uma segunda condição é que seja disponibilizado material de leitura. Soares (2010) analisa que nos países de Terceiro Mundo, alfabetizam-se crianças e adultos, porém não são dadas condições para ler e escrever. Neste cenário, há o

material impresso disponível, mas não há livrarias, além disso, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível a muitos e, ainda, vê-se um número pequeno de bibliotecas.

Bordini e Aguiar (1993) reforçam o discurso acima ao dizerem que o primeiro passo para o estímulo ao hábito da leitura é oferecer livros que se aproximem da realidade do público-alvo, os quais abordem questões que tenham impacto para eles. As autoras citam como exemplo livros da Literatura Infantojuvenil brasileira, os quais tendem, na percepção destas, a abordar temas de interesse do alunado, com personagens e linguagem com os quais os alunos tendem a se identificar. Logo: “ A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseguinte desencadeamento do ato de ler” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 18).

Ao trazer, pois, essa perspectiva para o gênero Cordel, sobre o qual se volta esta pesquisa, os temas e personagens abordados nos folhetos, bem como a linguagem utilizada por seus escritores também podem ser importantes para fomentar a apreciação do texto literário em sala de aula, inclusive entre o público infantojuvenil. Conteúdos voltados para as questões sociais, culturais, religiosas e, inclusive, textos com teor humorístico e satírico podem favorecer o despertar desse interesse em ler e interpretar com mais profundidade estas obras e reconhecer o trabalho de seus autores.

Segundo Silva (2016) ainda se mantém uma visão conservadora do que seja Literatura/Literário na escola. Logo, nota-se que o professorado se curva a essa visão, de modo acrítico, sustentando em sua prática um trabalho que, ao invés de dar condições ao alunado de avançar na sua prática de leitura, pode, minimizar esse contato, prejudicando o conhecimento de autores e conceitos diversos. Em razão disso, o que deveria operar como uma verdadeira dialogia resulta em uma educação castradora, moralizante, discriminadora e mantenedora de um único estatuto literário: o já cristalizado na e pela cultura e valorado pela classe média/burguesa com a anuência crítica de parte da categoria profissional que serve a esse modelo de leitura e de Literatura.

Nota-se, no discurso do autor, uma crítica à postura de parte expressiva dos docentes de Língua Materna no tocante ao ensino de Literatura nas escolas, tendo em vista uma conduta até mesmo preconceituosa diante da diversidade de gêneros literários que não são, por vezes, sequer mencionados em sala de aula. Esse quadro é

preocupante também na medida em que tanto estes profissionais quanto seus alunos terão uma diminuição do repertório literário, posto que não realizaram a leitura variada de obras, inclusive de origem popular, a exemplo do Cordel, que é o gênero literário em estudo nesta pesquisa.

Com efeito, quando o educador limita o aluno a conhecer apenas as obras que considera dentro de um padrão e qualidade, por vezes estabelecido por ele próprio, este profissional estará podando as possibilidades do estudante desenvolver uma leitura mais profícua do texto literário e, inclusive, de apreciar de fato a literatura em sua essência. Isto porque, ao conhecer diversos gêneros, obras e autores, o alunado não apenas se desenvolverá como leitor, mas como leitor de Literatura, nas suas mais variadas manifestações e estilos. Além disso, a leitura frequente e fluente fará com que esse aluno possa desenvolver também a escrita, considerando-se que leitura e produção textual são habilidades que se complementam. Logo, quanto mais se apropria da leitura, mais desenvolve o léxico e a habilidade de comunicação também através da produção de textos. É válido dizer que esse contato com a diversidade literária é gradual e não implica dizer que o profissional não possa apresentar os chamados clássicos literários, bem como contextualizar estilos e características das obras e movimentos literários. Acerca de tal questão, é relevante frisar que:

De modo geral, não se pode – e talvez nem se deva – fugir a alguns encaminhamentos mais tradicionais no ensino da literatura: por exemplo, a inscrição do texto na época de sua produção, uma vez que textos assim contextualizados nos dão acesso a uma historicidade muito concreta e encarnada, à qual se cola a obra de arte à revelia ou não das intenções do autor; outro caminho, a inscrição, no texto, do conjunto dos principais juízos críticos que sobre ele se foram acumulando, fundamental para fazer o aluno vivenciar a complexidade da instituição literária que não se compõe exclusivamente de textos literários, mas sim do conjunto destes mais todos os outros por estes inspirados [...] (Lajolo, 1993, p. 16).

A fala de Lajolo (1993) revela um ensino de literatura também comprometido com o letramento literário na medida em que, quando o professor estabelece esse diálogo com o contexto sócio histórico de produção das obras e, sobretudo, com o que a crítica fala a respeito destes textos, ele estará também fortalecendo o senso crítico do aluno. Além disso, conhecer o momento de produção literária também é relevante para entender as ideologias veiculadas nos textos, as intencionalidades do autor, suas inquietações e, sobretudo, a realidade de uma dada civilização retratada na obra. Tais

dados revelam, inclusive, a aproximação ou distanciamento do autor com tal período, seu posicionamento político, suas influências e o que pensa acerca dos assuntos abordados.

Ainda no que concerne ao ensino de literatura, Lajolo (1993) menciona a importância de abordar a inscrição do texto no cotidiano do aluno, entendendo que este cotidiano abrange desde o mundo contemporâneo (no que esta expressão tem, intencionalmente, de vago e de amplo) até os impasses individuais vividos por cada um, na leitura de cada texto.

Considerando-se, pois, o discurso da pesquisadora acima citada, pode-se dizer que o ensino dialógico da literatura deve partir do compromisso do professor em não se limitar aos métodos tradicionalistas que, em essência, apropriam-se de textos literários para outros fins, como o ensino de normas gramaticais. Além disso, faz-se necessário que os profissionais repensem a sua noção de literatura e a importância de abordar profundamente esses textos, sobretudo de forma diversificada, para que o aluno tenha a oportunidade de compreendê-la não apenas como arte da palavra, mas como veículo de denúncia, como instrumento de catarse, carregado de ideologias e de influências que dialogam com os dilemas, sonhos e experiências da própria condição humana.

Soares (2004) corrobora com este pensamento ao dizer que a leitura, instrumento de reprodução, mas também espaço de contradição é essencialmente um processo político. Por esta razão, aqueles que foram leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – exercem um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e problematização da realidade em que o leitor está inserido.

Diante do exposto, vê-se que o letramento literário precisa, *a priori*, ser um objetivo do trabalho docente, especialmente no processo de formação leitora. Quando existe esse comprometimento por parte do educador, é possível aproximar o aluno da variedade de textos gradualmente, dando-lhe, inclusive, oportunidade de escolha das suas obras prediletas e, também, da produção de seus próprios textos. No que concerne à Literatura de Cordel, por exemplo, ao permitir que o aluno conheça a pertinência desse gênero no âmago cultural brasileiro como um todo bem como a

multiplicidade de temas nele abordados, o professor também estará valorizando estas obras e ensinando, simultaneamente, ao seu alunado o valor e contributo de tais textos à Literatura nacional.

3.1 O cordel no processo de letramento literário: uma proposta de leitura de Patativa do Assaré

O letramento literário é construído ao longo das vivências educacionais e requer, inclusive, a apreciação de diferentes gêneros literários de modo que os estudantes tenham um conhecimento amplo de tais gêneros e possam, gradualmente, adquirir mais familiaridade e curiosidade pelos textos literários. Nesta perspectiva, o Cordel é um gênero que tende a favorecer essa aproximação do discente com a Literatura também pelo fato de apresentar temas de relevância social que dialogam com acontecimentos e experiências reais da própria sociedade. Desta maneira, Cosson (2021), ressalta que o letramento literário se dá pela condição de ler e compreender os gêneros literários, possibilitando o contato com o leitor.

É importante frisar que o letramento não resulta de uma simples leitura destes textos, mas de uma leitura atenta, profunda de seus significados, através de uma interpretação sólida. Em razão disso, Cosson (2021) argumenta que não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar da leitura literária. Logo, na percepção do autor, apenas ler é a face mais evidente da resistência ao processo de letramento literário na escola. Assim, por trás deste processo encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por estarem atreladas ao senso comum, sequer são verbalizadas. Diante disso, emerge o questionamento honesto e o estranhamento quando se expõe a necessidade de ir além da mera leitura do texto literário quando existe a intencionalidade de promoção do letramento literário.

Em linhas gerais, entende-se que embora precise da leitura para se consolidar, o letramento não ocorre com a mera prática desta atividade. É preciso ir além, envolver o estudante, despertar seu senso crítico e, a partir do texto literário, provocá-lo a ler – inclusive nas entrelinhas – as significações que o texto apresenta. Trata-se, pois, de um compromisso de apresentar a literatura como um instrumento vivo de recriação e representação da própria realidade através dos mais variados textos, inclusive do Cordel, do qual trata especificamente esta pesquisa. Isto posto, pode-se compreender que:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio (Cosson, 2021, p. 12).

Decorre disso, no entendimento de Cosson (2021) a necessidade de viabilizar o letramento na escola. Logo, a instituição escolar, como espaço de excelência para o ensino, a pesquisa e a consolidação de saberes, deve ter em seu Projeto Pedagógico o devido olhar para o letramento literário evitando, com isso, que as obras literárias sejam conhecidas de forma superficial ou ainda para apreciação e estudo de normas gramaticais, práticas que tendem a tornar as aulas desestimulantes.

Considerando-se o contributo do pesquisador acima mencionado, deve-se sublinhar o que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC sugere quanto ao trabalho com a leitura no Ensino Fundamental. Com efeito, pode-se destacar a habilidade (EF67LP28) da BNCC (2018) a qual sugere a leitura, de forma autônoma, e a compreensão dos textos selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequadas a diferentes objetivos. Para tanto, deve-se levar em consideração as características dos gêneros e suportes, a exemplo de: romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, dentre outros, expressando avaliação sobre os textos lidos e estabelecendo preferências por gêneros, temas e autores.

Como se vê, a BNCC defende a leitura de textos diversificados de modo que a bagagem de conhecimento do aluno sobre a literatura seja ampliada não apenas pela quantidade de textos lidos, discutidos, explorados, mas também pelo estudo de diferentes gêneros literários, inclusive do Cordel. As múltiplas possibilidades de apreciação dos textos literários não apenas instiga a leitura atenta de tais textos, mas também expande o conhecimento lexical, a aproximação e reconhecimento de autores importantes da literatura nacional e internacional, o entendimento das especificidades de cada gênero em apreciação. Contudo, o principal intuito dessa aproximação e diversificação do estudo de literatura em sala de aula deve ser o desenvolvimento da criticidade, inventividade, interpretação textual e, por conseguinte, da formação leitora destes estudantes.

Isto posto, a proposta de trabalho deste estudo tem como base alguns dos Cordéis do poeta popular Patativa de Assaré. De acordo com sua autobiografia presente no livro, *Cante lá, que eu canto cá* (2011)¹, o autor é filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, nascido no sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré, no Ceará. Filho de agricultor, seu pai era dono de uma pequena parte de terra a qual, após seu falecimento, foi dividida entre cinco filhos, dos quais quatro homens e uma mulher, sendo Patativa o segundo filho do casal.

Assaré lembra que ficou órfão de pai aos oito anos de idade tendo que trabalhar muito ao lado do primogênito da família para garantir o sustento dos demais, pois a família encontrava-se em situação de extrema pobreza. Conta, ainda, que aos doze anos, frequentava uma escola muito atrasada, por um período de quatro meses, porém sem abandonar a agricultura. O poeta lembra que saiu dessa escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e desde esse período não frequentou mais nenhuma unidade escolar, porém sempre lidava com as letras, quando encontrava tempo para isto.

O escritor (2011) relata que a paixão pela poesia o acompanha desde a infância e que se alguém lia versos para ele, costumava demorar-se a ouvi-los. Com efeito, dos 13 aos 14 anos começou a produzir versinhos que serviam de graça para os serranos, pois carregam sentido de humor, abordando temas como: brincadeiras de noite de São João, testamento do Juba, ataque aos preguiçosos que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc. Assim, aos 16 anos de idade, o poeta comprou uma viola e começou a cantar de improviso, pois naquele período já improvisava, glosando os motes que os interessados lhes sugeriam.

Patativa do Assaré (2011) afirma, ainda, que nunca quis fazer profissão de sua “musa”, sempre cantando, recitando e glosando quando alguém lhe convidava a isto. De acordo com ele, quando estava com 20 anos de idade, um parente, o Sr. José Alexandre Montoril, residente no estado do Pará, visitou Assaré que é sua cidade natal e, tomando conhecimento dos versos de Patativa, visitou sua casa e pediu à mãe do poeta para que deixasse o filho acompanhá-lo ao Pará, prometendo custear todas as despesas. A mãe, embora chorosa, confiou o filho ao primo, que o conduziu ao norte com a devida atenção e cuidado.

Em sequência, Assaré (2011) conta que foi apresentado a José Carvalho,

¹ ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

natural de Crato, tabelião do 1º Cartório de Belém. Naquele tempo, Carvalho trabalhava na publicação de seu livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará* (1930), onde consta um capítulo referente à Patativa do Assaré que esteve no Norte por cinco meses cantando viola com os cantadores que lá encontrou.

Ao regressar ao Ceará, Patativa conta que recebeu de José Carvalho uma carta de recomendação para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno² que, em posse da carta, acolheu-o com atenção em seu Salão, onde o poeta apresentou-se. Conta, ainda, que quando regressou a Serra de Santana, continuou na mesma vida de agricultor e depois se casou com uma parenta, constituindo com ela uma numerosa família. O poeta ainda relata, em sua autobiografia, que não possui tendência política, mas sente revolta contra as injustiças que vinha observando desde que tomou conhecimento das coisas, as quais segundo ele eram provenientes da política falsa que continua fora do programa da verdadeira democracia.

A partir dos dados acima detalhados, vê-se que o poeta valorizava as suas origens e tinha uma natural inclinação à poesia, não a vendo como instrumento de trabalho, mas como força de expressão artística. É importante ressaltar que o poeta Antônio Gonçalves da Silva - Patativa do Assaré faleceu em 08 de julho de 2002, aos 93 anos de idade. Com efeito, é notório que:

A figura legendária do poeta popular nordestino Patativa do Assaré, através da sua obra poética, oferece incomparável contribuição ao estudioso de problemas humanos que pretenda uma abordagem compreensiva da realidade do sertão nordestino. Sua poesia, do ponto de vista do conteúdo social, reflete todo o mundo visionário e fantasmagórico do caboclo [...] O “poeta e cantor da roça” capta e descreve, com aguda perspicácia, a realidade social em toda a sua abrangência (Nuvens, 2011, p. 13).

Conforme expressa o autor acima, a poesia de Assaré, embora o mesmo afirmasse não ter inclinações políticas, tinha um caráter sociológico na medida em que também ilustra a realidade social da qual fazia parte evidenciando as nuances de sua terra a partir de sua percepção artística. Logo, pode-se inferir que também a sua poesia tinha certo caráter de denúncia, ironia e criticidade desta realidade por ela

² Segundo dados da Academia Cearense de Letras (2024), a Dra. Henriqueta Galeno é natural de Fortaleza – Ceará, nascida em 23 de fevereiro de 1887. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, foi a primeira mulher a cursar a Faculdade de Direito no seu estado. Consta que a mesma foi responsável por representar o Ceará no Primeiro Congresso Feminista do Brasil, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1931 e que teve uma importante atuação e contribuição no movimento feminista cearense, reivindicando a emancipação feminina política e social.

representada.

Segundo Alencar (2011) em seu capítulo intitulado “Patativa do Assaré, poeta compassivo”, Assaré é o chamado poeta do “Sertão sofredor” e possuía uma inesgotável habilidade de comunhão e simpatia pelos que sofrem, pelos que vivem humilde e pobremente, pelos fracos e pelas pessoas simples de seu povo. Logo, um artista sensível às mazelas que o cercavam e cujas muitas vivenciou também.

Partindo-se, pois, desse fato e analisando-se a perspectiva de Pinheiro (2007) sobre o trabalho com poesia em sala de aula, vê-se que, no entendimento deste autor a primeira condição indispensável para a apreciação da poesia na escola é que o professor seja, de fato, um leitor com experiência significativa de leitura. Pinheiro (2007) salienta que ter uma experiência significativa não implica em ser um erudito, mas alguém que mesmo que tenha lido poucas obras, o fez de modo proveitoso. Assim, este educador conhece poemas centrais de determinados poetas, temas recorrentes e peculiaridades da linguagem. Pinheiro (*idem*) ainda observa que diante da debilidade da formação literária, não se pode sonhar com um professor que conheça tudo e memorize dezenas de poemas.

Por conseguinte, o trabalho com a poesia em sala de aula pode oferecer novas possibilidades de crescimento a partir da exploração dos cordéis de Patativa de Assaré, os quais além de representarem fortemente a cultura nordestina, ainda tocam em temáticas de pertinência social, importantes a serem discutidas em sala de aula para fortalecimento do letramento literário e consolidação da formação de leitores críticos.

O método de sequência básica desenvolvido por Rildo Cosson (2021) é pautado em buscar estratégias metodológicas para trabalhar o letramento literário em sala de aula, dessa forma, o pesquisador retrata a sequência que é composta por quatro etapas: motivação; introdução; leitura e interpretação. Esse método tem o intuito de despertar nos alunos o gosto pela leitura aproximando os mesmos da literatura em especial o cordel, que é o foco desta pesquisa.

Isto posto, para essa proposta de atividade que será elaborada para o fundamental II, utilizaremos, como base, os cordéis do poeta Patativa do Assaré, que são: “Vaca estrela e boi fubá” (2011), “Dois quadros” (2011). A presente proposta tem como objetivo principal, o cordel na sala de aula (manifestação popular). Os cordéis selecionados enfatizam as situações que desolam os nordestinos na época da seca,

com uma linguagem simples, Assaré retrata essas dificuldades que a maioria dos sertanejos vivem até os dias atuais. A seguir veremos como foi elaborada cada passo dessa proposta de leitura contemplando as etapas do método de Rildo Cosson.

3.1.1 Motivação

A etapa de motivação é um passo fundamental para ser trabalhado em sala de aula, principalmente no processo de leitura, pois incentivar os alunos a praticar a leitura, e mostrar que eles podem interpretar melhor os textos, melhorar a escrita e aprimorar a comunicação, como também aperfeiçoar o desempenho em outras disciplinas. De acordo com Cosson (2021) quando denominamos de motivação esse primeiro passo de sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O êxito inicial da aproximação do leitor com a obra requer uma boa motivação.

Dessa forma, o autor defende a motivação como peça chave no processo de ensino aprendizagem dos discentes, pois a motivação precisa acontecer antes mesmo da leitura de um texto. Visto que essa motivação irá preparar o alunado para ter uma leitura de qualidade:

- a) A primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adequadas, o prazer da atividade intelectual da recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica. Se o professor responder essa motivação com material de leitura fácil emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldades crescente, as crianças se tornarão bons leitores. Um bom leitor gosta de ler b) A leitura impulsiona o uso e o treino de aptidões intelectuais e espirituais, como a fantasia, o pensamento, a vontade, a simplicidade, a capacidade de identificar, etc. Resultado: Desenvolvimento de aptidões, expansão do “eu”; c) A leitura suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais (Bamberger, 1995, p. 32-33).

Nesse sentido essas motivações devem compor o processo de leitura na escola formando assim, alunos que sejam leitores reflexivos no desenvolvimento de suas leituras em sala de aula. Em razão disso, é dever do educador formar estudantes que sejam bons independente da dificuldade que irão encontrar nesse processo de aprendizado. Dessa forma, os alunos estarão preparados para melhor compreender os

textos apresentados, e não apenas ficar presos em leituras mecânicas ou em decodificação de códigos, mais que saibam interpretar os assuntos que serão a eles passados.

Segundo Cosson (2021, p. 57): “[...] compor a motivação com uma atividade integrada de leitura, escrita e oral parece ser uma medida relevante para a prática do ensino de língua materna na escola”. Para a realização dessa proposta de leitura elencamos como objetivo principal: sugerir uma proposta metodológica de como trabalhar a literatura popular em sala de aula com o uso do cordel. Para compor o primeiro passo dessa proposta, iniciaremos perguntando: Se os discentes já ouviram falar em cultura popular? e se sabem o que é literatura de cordel? e se conhecem algum cordel ou autor da literatura de cordel. Após as respostas pediremos para que os mesmos digam o que entenderam. No segundo momento dessa proposta, temos o intuito de possibilitar uma aproximação dos alunos com os cordéis que serão trabalhados na aula, como atividade de motivação apresentaremos o cordel “Festa da Natureza”. De Patativa do Assaré, musicalizado por Raimundo Fagner, ao término do vídeo iremos discutir as seguintes perguntas: 1. Vocês já tinham visto ou ouvido esse cordel antes? 2. O que compreender da temática apresentada? 3. O que te chamou mais atenção? 4. Conhecem o cantor? a fim de que os alunos falem sobre o cordel musicalizado. No terceiro momento o professor discutirá com os alunos a importância da cultura popular para a valorização da identidade de um povo.

Essa discussão sobre o que foi apresentado é indispensável, visto que os discentes podem dialogar com os colegas e professores, acerca da sua compreensão. Ao introduzir o cordel como meio de incentivar a leitura em sala de aula, é preciso que o primeiro contato dos alunos com esse gênero aconteça de forma dinâmica, para que os discentes tenham uma maior interação com a leitura.

3.1.2 Introdução

A segunda parte da sequência básica é composta pela introdução, conforme descreve Cosson (2021, p. 57): “A apresentação do autor e da obra”. O autor mostra que nessa etapa, é necessário que aconteça uma apresentação de forma rápida que não se estenda muito, pois, a finalidade da introdução é apresentar o autor e obra, entretanto sem se estender muito na biografia do autor, mas sim destacar os aspectos

relevantes. Outro ponto que se torna fundamental é a apresentação da obra que será trabalhada, porém é necessário não transformar essa parte em um relato enfadonho.

Essa apresentação da obra pode acontecer de forma que os alunos manuseiem o livro que será trabalhado e conheçam um pouco dos cordéis. Cosson (2021, p. 61): “[...] uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva”. Segundo o teórico, para que essa introdução aconteça de forma motivadora é importante ser bem sucinto na apresentação da obra. Como forma de realizar essa proposta em sala, foram selecionados os cordéis: “Dois quadros”, e “Vaca estrela e boi fubá”, ambos de Patativa do Assaré.

Os cordéis escolhidos retratam a dura realidade que os nordestinos enfrentam por causa da seca, que atinge várias áreas, como a criação de gado, as plantações e o abastecimento de água, gerando grandes dificuldade para se manterem em sua cidade, o que acaba levando as pessoas terem que se deslocar das suas terras em busca de melhores condições de vidas, ainda no cordel “Dois quadros”.

Podemos destacar também a alegria dos nordestinos no tempo do inverno, que renasce a esperança de dias melhores, pois as chuvas traz fartura para os que trabalham no campo. Nessa etapa da proposta de leitura em sala de aula, mais especificamente no fundamental II, em um primeiro momento o educador inicia fazendo uma breve contextualização sobre a literatura de cordel, visto que essa literatura é bastante conhecida principalmente no Nordeste, o intuito de falar a respeito dessa literatura é fazer com que os alunos conheçam um pouco sobre a origem e a finalidade, tendo em vista, que essa literatura surgiu em Portugal pelos trovadores medievais, porém foi no Brasil que ela ganhou força, instalando-se logo após a colonização, mais especificamente em Salvador. Ressaltando ainda, que esta literatura é bastante popular principalmente no Nordeste.

No segundo momento dessa proposta será a apresentação do poeta Patativa do Assaré, com a foto do mesmo, o docente apresentará as informações necessárias (Biografia) sobre Patativa, em seguida faremos algumas perguntas como: 1. Vocês já ouviram falar em Patativa do Assaré? 2. Qual a origem desse nome Patativa? Se os alunos não souberem responder, pode ser feita uma pesquisa em casa, a fim de que eles conheçam um pouco mais.

Após esse momento introdutório, o professor apresentará os cordéis que serão trabalhados nas aulas, os quais são: “Vaca estrela e boi fubá”, e “Dois quadros”. Assim,

com o tema dos cordéis no quadro, o professor pode perguntar se eles sabem de qual assunto se trata, e se tem alguma semelhança com o cordel musicalizado que foi visto na aula anterior. Neste momento, com os versos pendurados numa corda para remeter à origem do cordel, conforme foi explicado no início da aula, o professor solicitará que cada aluno vá até a corda e pegue os versos. Após todos pegarem os trechos será realizada a leitura de forma silenciosa, para ser discutida na aula seguinte.

3.1.3 Leitura

A leitura é o terceiro passo da sequência básica. Cosson (2021, p. 62) ressalta que: “A leitura escolar precisa de acompanhamento, porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento”. Dessa forma, a leitura em sala de aula deve ser conduzida de forma dinâmica e descontraída, para que desperte o interesse do alunado pelo que está sendo executado Bamberguer (1995) afirma que:

[...] a tarefa do professor é treinar jovens bem-sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo que o eixo não somente inclua boas habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira (Bamberger, 1995, p. 31).

Nessa perspectiva o professor é indispensável no processo de desenvolvimento de uma leitura de qualidade, tendo em vista, que o gosto pela leitura começa a partir de um bom incentivo como também de um material adequado para aquela aula, entretanto a leitura quando explorada de forma correta no âmbito escolar, faz com que os discentes desenvolvam o seu senso crítico e ainda incentivando que os mesmos levem essas leituras para o meio que está inserido, seja fora ou dentro da comunidade escolar. Nesse contexto é fundamental que a instituição de ensino esteja empenhada em formar alunos pensantes que esteja sempre interagindo em sala de aula, só assim teremos de fato leitores empenhados, pois “Levar em conta a interação leitor-texto para discutir literatura parece dar conta de forma mais adequada do modo de inserção da literatura na vida escolar, é dirigida, planejada, limitada no tempo e no espaço” (Lajolo, 1993, p. 43).

Deste modo, quando trabalhada a leitura em sala de aula, por meio do entendimento dos alunos, é notório que os mesmos tenham uma maior interação com o

texto, assim sendo, a leitura precisa ser apresentada de forma adequada, para que aconteça uma troca de entendimento entre professores e alunos, pois, a leitura precisa ser debatida e compreendida. Para realização dessa etapa em sala de aula, no primeiro momento, o professor pode dar continuidade pedindo para que os alunos façam mais uma leitura silenciosa dos trechos dos cordéis, depois o docente realiza a leitura em voz alta para que os alunos possam falar as características que conseguiram observar nos trechos.

No segundo momento acontecerá uma apresentação em *slides* sobre as principais características da literatura de cordel, uma vez que os alunos precisam reconhecer em suas leituras futuras, que o que realmente está lendo é um gênero literário de cordel. No terceiro momento, o docente pode fazer uma dinâmica a fim de estimular nos alunos o interesse pela leitura literária do gênero cordel, para isso ele utilizará os cordéis, “Vaca estrela e boi fubá”, e “Dois quadros”, de Patativa do Assaré, logo em seguida serão formados dois grupos, para cada equipe será entregue um quebra-cabeça dos cordéis já mencionado, cada grupo deve montar as peças até formar os cordéis, por fim, com eles todos montados, cada um faz a leitura de uma parte até completar a leitura dos cordéis. Dessa forma ao trazer para sala a dinâmica os alunos são motivados a trabalhar o letramento literário por meio do gênero como também, dialogarem entre eles o assunto que foi abordado.

No último momento, será realizado um debate sobre os cordéis trabalhados na aula, com as seguintes perguntas: 1. O que vocês acharam dos cordéis? 2. O que perceberam de diferente no cordel “Dois quadros” e “Vaca estrela e boi fubá”, de Patativa do Assaré? 3. Já tinha ouvido esse cordel antes? Esse momento de socialização é de grande importância, tendo em vista que os alunos podem debater e até mesmo tirar as dúvidas sobre o que não conseguiram perceber no momento da leitura.

É importante ressaltar que essa abordagem dos cordéis e, especialmente este momento de socialização, tem a intencionalidade não apenas de avaliar a percepção dos estudantes quanto à experiência de leitura e sua habilidade interpretativa, mas também identificar dúvidas e sentimentos dos estudantes quanto ao que leram e entenderam do que foi apreciado. Nessa troca mútua de ideias, exercita-se também a oralidade e a escuta das percepções e interpretações de outros leitores, elementos que também favorecem a aprendizagem.

3.1.4 Interpretação

A interpretação é a última etapa desta proposta de leitura. Cosson (2021) reflete que essa parte é pensada a partir de dois momentos: O interno e o externo. O interno que se dá pelo encontro que o leitor terá com a obra apresentada, já o momento externo está relacionado à materialização da interpretação como ato de sentido, em uma determinada comunidade. Ainda sobre interpretação, esse trabalho requer uma condução organizada, mas sem imposição, cabendo por exemplo supor que exista uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. Logo, é importante frisar que:

[...] se for para haver limites, que eles sejam buscados na cobrança da literatura e não nos preconceitos que rondam o letramento literário na escola. Só assim teremos de fato uma comunidade, e seus leitores poderão tanto no presente quanto no futuro, usar a força que ela proporciona para melhor ler o mundo e a si mesmos” (Cosson, 2021, p. 66).

Assim, para que possam apreciar, de fato, o texto literário, é preciso que os alunos conheçam de forma aprofundada tais textos, compreendendo suas especificidades e, sobretudo, a sua pertinência na construção de leitores críticos e proficientes que saibam posicionar-se ativamente nos mais distintos espaços da comunicação.

Nesse passo da sequência, acontecerá uma revisão geral de tudo que foi exposto até o momento: como forma de interpretação, o professor pode pedir que de forma oral, os alunos falem quais foram as suas impressões sobre os cordéis trabalhados em sala, em seguida pode ser feito uma comparação entre os cordéis, como também falar como eram os personagens, no qual depois o educador pode pedir para que cada aluno descreva em seu caderno um aspecto que se sentiu representado nos cordéis. Para ser apresentado na aula, ainda pode ser feito um questionamento sobre os cordéis: 1. Por que os nordestinos saem de suas terras e quais as dificuldades que eles enfrentam? 2. Como é o período da seca que é retratada nos cordéis? 3. Como é a linguagem utilizada?

Com efeito, diante das questões de identidade nordestina trabalhada nas aulas, a partir do momento que eles conseguem identificar nos cordéis traços da sua cultura,

nestas últimas aulas, será trabalhado um pouco mais sobre os cordelistas regionais, aqueles que se inspiram no próprio cotidiano para escrever seus cordéis, desde dos mais antigos como Patativa do Assaré até aqueles atuais, e os que ainda são desconhecidos. O professor mostra que apesar das diferenças todos esses poetas, contam e representam uma história, e essa representação é necessária.

Feito isto, o docente propõe aos alunos que formem quatro grupos e escolham um cordelista regional para fazer uma entrevista sobre ele, dessa forma, o professor auxiliará os grupos nas pesquisas, na qual eles devem buscar história do cordelista, sua trajetória, as principais características de escrita e inspirações, para que eles produzam cartazes e murais, além disso, o docente deverá escolher um cordel de acordo com cada um dos cordelistas que pesquisaram para a exposição em uma feira de literatura de cordel que acontecerá no contra turno, tendo em vista que os alunos precisam se organizar para prepararem os trabalhos que serão apresentados.

A feira de literatura de cordel, realizada com os alunos, tem o intuito de expor textos de poetas das principais regiões, tendo como objetivo fazer com que os alunos valorizem mais a cultura nordestina. Ainda teremos um espaço para os estudantes, que gostam de escrever cordéis, estimulando também a divulgação dos seus textos (recitados).

Após todo o planejamento, os grupos organizaram os seus lugares de apresentação no pátio da escola, com os cartazes produzidos, e os cordéis dos escritores que foram escolhidos. Por fim, os discentes realizarão a apresentação da primeira feira de literatura de cordel na escola, sobre os cordelistas nordestinos, sendo aberta para todo o público da comunidade escolar. Para concluir essa sequência de atividades o educador realizará um pequeno debate sobre a feira de literatura de cordel, discutindo como tudo foi feito e quais dificuldades eles encontraram para realizar essa atividade proposta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o texto literário pode ser um importante recurso fortalecedor da formação de leitores, pois estes textos abordam diferentes temáticas que dialogam com a sociedade e a condição humana, sendo oportunos para que seja trabalhado não apenas a leitura e a escrita, mas também o letramento literário em sala de aula.

Desta maneira, esta pesquisa abordou de forma específica o gênero literário Cordel e sua exploração no Ensino Fundamental II, através de uma proposta de Rildo Cosson. Logo, foram elencados dois textos do cordelista Patativa do Assaré, cujos folhetos tratam de assuntos de relevância social, problematizando questões que são de interesse da coletividade.

Isto posto, observou-se que a literatura pode e deve ser um meio de instigar ao pensamento crítico e ao posicionamento social dos estudantes. Além disso, viu-se que os cordéis são um gênero enraizado na cultura popular e que se voltam para elementos da cultura, economia, crenças religiosas, aspectos políticos e históricos, sendo pertinentes para o debate em sala de aula.

Nesta perspectiva, a proposta de sequência didática está pautada numa apreciação integral dos cordéis, de forma que estes possam ser usados para desenvolver o letramento literário e para problematizar as questões sociais neles abordadas. Trata-se, pois, de uma sugestão de atividade que tende a favorecer o desenvolvimento da oralidade, leitura, escrita e aproximação exitosa entre aluno e texto literário na escola.

Com efeito, também a escolha pelos textos de Patativa do Assaré revelam uma oportunidade de divulgar o autor e a cultura nordestina através da literatura de Cordel, a qual também pode e deve ser estudada e ter seu espaço na educação básica. Logo, espera-se que esta abordagem possa despertar a intencionalidade de novas pesquisas sobre o tema e, inclusive, com foco na Literatura de Cordel, como forma de apreciar e experienciar esta literatura e sua importância na formação de leitores e no letramento literário no Ensino Fundamental II.

Conclui-se que a proposta de atividade presente nesta pesquisa tem de fato valor significativo no processo de leitura, bem como a formação dos alunos, tendo em vista, que as metodologias aqui utilizadas com base na sequência básica de Rildo

Cosson (2021) desperta o interesse dos alunos pela leitura. É preciso também que a escola repense como deve trabalhar o letramento em sala de aula, levando em consideração que esse contato dos mesmos com os cordéis, precisa acontecer de forma dinâmica, a fim incentivar os discentes a ir ao encontro com a leitura.

REFERÊNCIAS:

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. **Henriqueta Galeno**, 2024. Disponível em: <https://academiacearensedelettras.org.br/membros/henriqueta-galeno/> Acesso em: 24 de jun. de 2024.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura - a formação do leitor: Alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993.

ALENCAR, Francisco Salatiel de. Patativa do Assaré, poeta compassivo. *In: Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 16. ed. Petrópolis: Vozes 2011, p.11.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: ática, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

CANDIDO, Antonio. A literatura da vida social. *In: A literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2006. p. 27-49.

FAGNER, Raimundo. **Festa da Natureza**. Fortaleza - CE, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?si=WH484aZhSSRUzRly&v=N014GrNUYZA&feature=youtu.be>> Acesso em: 18 de maio de 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. ed. 23. São Paulo: Cortez, 2012.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**, São Paulo: Claridade, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

LUYTEN, Maria Joseph. **O que é literatura de cordel**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: ática 2004, p.40-42

NUVENS, Plácido Cidade. Patativa do Assaré, poeta social. *In*: **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 16. ed. Petrópolis: Vozes 2011, p. 13-14

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: bagagem, 2007.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Magda Becker. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática 2004,p.28-28.

ANEXOS

Anexo 1:

Patativa do Assaré - Vaca Estrela e Boi Fubá

Seu doutor, me dê licença
 pra minha história contar
 Hoje eu tô na terra estranha,
 é bem triste o meu penar
 Eu já fui muito feliz
 vivendo no meu lugar
 Eu tinha cavalo bom
 e gostava de campear
 Todo dia eu aboiava
 na porteira do curral
 Eeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá
 Eu sou filho do Nordeste,
 não nego meu naturá
 Mas uma seca medonha
 me tangeu de lá prá cá
 Lá eu tinha o meu gadinho, não é bom nem imaginar
 Minha linda Vaca Estrela
 e o meu belo Boi Fubá
 Aquela seca medonha
 fez tudo se atrapalhar
 Eeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá
 Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
 O sertão se estorricou,
 fez o açude secar
 Morreu minha Vaca Estrela,
 se acabou meu Boi Fubá
 Perdi tudo quanto eu tinha, nunca mais pude aboiar
 Eeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá

Anexo 2:**Patativa do Assaré - Dois quadros**

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terras do Sul.

De nuvem no espaço, não há um farrapo,
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levando a poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

Na copa redonda de algum juazeiro
A aguda cigarra seu canto desata
E a linda araponga que chamam Ferreiro,
Martela o seu ferro por dentro da mata.

Beijando os primores do meu Cariri.

De noite notamos as graças eternas
Nas lindas lanternas de mil vagalumes.
Na copa da mata os ramos embalam
O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol do Nordeste nos mostra o retrato
De um bolo de sangue nascendo da terra.

Porém, quando chove, tudo é riso e festa,
O campo e a floresta prometem fartura,
Escutam-se as notas agudas e graves
Do canto das aves louvando a natureza.

Alegre esvoaça e gargalha o jacu,
Apita o nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre as verduras,
E as flores exalam suaves perfumes.

Se o dia desponta, que doce harmonia!
A gente aprecia o mais belo compasso.
Além do balido das mansas ovelhas,
Enxames de abelhas zumbindo no espaço.

E o forte caboclo da sua palhoça,
No rumo da roça, de marcha apressada

Vai cheio de vida sorrindo, contente,
Lançar a semente na terra molhada.

Das mãos deste bravo caboclo roceiro
Fiel, prazenteiro, modesto e feliz,
É que o ouro branco sai para o processo
Fazer o progresso de nosso país.

Anexo 3:**Patativa do Assaré – A festa da Natureza**

Chegando o tempo do inverno,
Tudo é amoroso e terno,
Sentindo do Pai Eterno
Sua bondade sem fim.
O nosso sertão amado,
Esturricado e pelado,
Fica logo transformado
No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza
A gente vê com certeza
Que a musga da natureza
Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta
As ave se manifesta
Compondo a sagrada orquestra
Desta festa natura

Tudo é paz, tudo é carinho,
Na construção de seu ninho,
Canta alegre os passarinho
As mais sonora canção.
E o camponês prazentêro
Vai prantá feijão ligêro,
Pois e o que vinga premêro
Nas terra do meu sertão.

Depois que o podê celeste
Manda chuva no Nordeste,
De verde a terra se veste
E corre água em brobutão
A mata com o seu verdume
E as fulo com o seu perfume,
Se infeita de vaga-lume
Nas noite de iscuridão

Nesta festa alegre e boa
Canta o sapo na lagoa,
No espaço o truvão reboa
Mostrando o seu roço som.
Vai tudo se convertendo,
Constantemente chuvendo
E o povo alegre dizendo:

Deus é poderoso e bom!

Com a força da água nova
O peixe e o sapo desova,
E o camaleão renova
A verde e bonita cô;
A grama no campo cresce,
A pernuda aranha tece,
Tudo com gosto obedece
As orde do Criadô.

Os cordão de barbuleta
Amarela, branca e preta
Vão fazendo pirueta
Com medo do bem-te-vi,
E entre a mata verdejante,
Com o seu pape istravagante
O gavião assartante
Vai atrás da juriti.

Nesta harmonia comum,
No mais alegre zumzum,
As lição de cada um,
Todos sabe de có,
Vai a lesma repelente
Vagarosa, paciente
Preguiçosa, lentamente
Levando o seu caracó.

A famosa vaca muge
Comendo o nova babuge
Vale a pena o ruge-ruge
Da sagrada criação.
Neste bonito triato
Todo cheio de aparato,
Cada bichinho do mato
Faz a sua obrigação.

A Divina Majestade,
Com esta realidade,
Nos mostra a prova e a verdade
Do soberano pade.
Nesta Bliba natura
Que faz tudo admirá,

Quarque um pode estudá
Sem conhece o ABC.